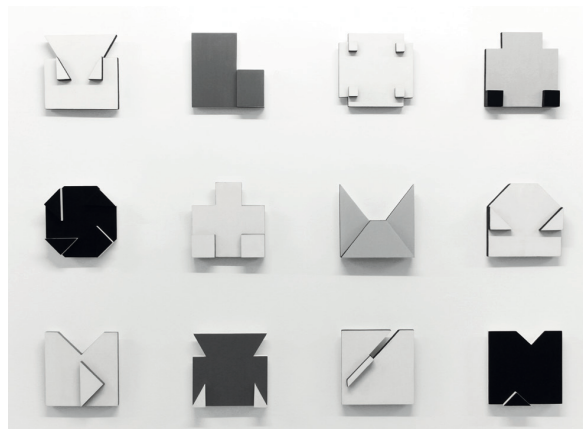


Lopes, Fernanda  
“Leitura Neoconcreta”  
Harper’s Bazaar Brasil.  
Number 5, September 2015. p.31.

LUHRING  
AUGUSTINE

531 West 24th Street  
New York NY 10011  
tel 212 206 9100 fax 212 206 9055  
www.luhringaugustine.com

REVIEW



Lygia Pape  
*Livro da noite e dia*,  
1963/76  
Acrilica e têmpera  
sobre madeira

## LEITURA NEOCONCRETA

WORDS FERNANDA LOPES

*Com boa seleção de obras e artistas, além de montagem generosa, a exposição Empty House reafirma a potência e o impacto do neoconcretismo na história recente da arte brasileira*

EMPTY HOUSE NÃO É mais uma exposição sobre o Neoconcretismo brasileiro no exterior. Com curadoria de Lucrecia Zappi e Donald Johnson Montenegro, a mostra que a galeria Luhring Augustine apresenta em sua sede no Chelsea, em Nova York, reúne 18 artistas brasileiros de diferentes gerações e 39 obras, realizadas entre 1952 e 2015 para avaliar o legado de um dos mais importantes movimentos da arte brasileira.

O primeiro ponto forte de exposição está justamente na seleção de artistas e obras. De um lado estão presentes na mostra nomes que participaram dos primeiros momentos do movimento, e por isso quase obrigatórios em uma exposição com esse perfil, como Lygia Clark (recentemente homenageada com uma mostra retrospectiva no MoMA), Amilcar de Castro, Willys de Castro, Hélio Oiticica (que será homenageado pelo Whitney Museum com uma exposição em 2016) e Lygia Pape. Completam a lista, artistas de diferentes gerações, em uma mescla de nomes mais recorrentes e alguns, infelizmente, nem tanto, como Waltercio Caldas, Raymundo Colares, Adriano Costa, Alexandre da Cunha, Antonio Dias, Marcio Galan, Fernanda Gomes, Jac Leirner, Rodrigo Matheus, Paulo Monteiro, Mira Schendel, Tunga, e Erika Verzutti.

A escolha das obras também se mostra

interessante. De Lygia Clark, por exemplo, além de um clássico *Bicho* de aço, há também um estudo para o *Bicho pancubismo*, feito com folha de madeira, grafite e fita adesiva. Amilcar de Castro também é apresentado através de escolhas interessantes. Além da escultura *Estrela* (1952), obra mais antiga da exposição, feita em cobre, o artista ocupa duas paredes de prateleiras com 140 protótipos em aço cortén. Entre os artistas de outras gerações, Tunga (único artista da mostra representado pela Galeria Luhring Augustine) apresenta *Albino* (1982), no qual alguns quadrados de feltro e algodão estão presos à parede e parecem “segurar”, através de cordas, outros quadrados de feltro, como marionetes. Já Fernanda Gomes apresenta uma série de peças em madeira e tinta branca, que se misturam no espaço (algumas ao ponto de ficarem quase invisíveis) e operam no limite entre a pintura e a escultura.

Outro ponto forte da mostra é a montagem, que permite que as boas escolhas individuais da curadoria ganhem nova potência em uma disposição espacial que não se rende a uma óbvia e fácil organização cronológica. Em vez disso, constrói um diálogo entre obras históricas icônicas e trabalhos mais recentes, possibilitando leituras cruzadas de obras realizadas entre as décadas de 1950 a 1990 e trabalhos produzidos já nos anos 2000.

Logo na primeira sala, um tablado branco coloca lado a lado esculturas de pequeno e médio porte, de artistas de diferentes gerações, como Amilcar de Castro, Érica Versutti, Lygia Clark, Paulo Monteiro, Lygia Pape, Antonio Dias e Mira Schendel, realizadas em diferentes materiais, como chumbo, bronze, papel arroz, aço e acrílico. O plano bidimensional também sugere relações interessantes. Ao lado de trabalhos como os de Fernanda Gomes, Amilcar de Castro e Tunga, mencionados acima, obras como *Livro noite e dia* (1963/76), de Lygia Pape – uma das grandes surpresas da exposição – abre mais uma camada na relação entre bidimensional e tridimensional iniciada pelo Neoconcretismo e redimensionada pelos trabalhos citados acima.

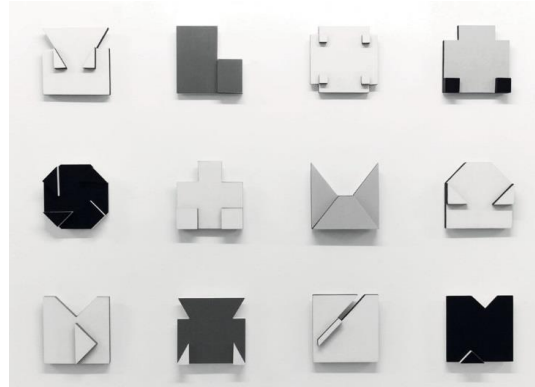
Mais do que uma releitura, a exposição Empty House reafirma a potência e o impacto do Neoconcretismo na história recente da arte brasileira e justifica o interesse que o movimento vem despertando internacionalmente. Com uma boa seleção de artistas e obras, a exposição oferece ao visitante – iniciado em arte ou não – um instigante contato com a arte brasileira histórica, que aponta para possibilidades de reapropriação feitas pelas gerações que a seguiram.

FERNANDA LOPES é crítica de arte e curadora.

Lopes, Fernanda  
"Leitura Neoconcreta"  
Harper's Bazaar Brasil.  
Number 5, September 2015. p.31.

LUHRING  
AUGUSTINE

531 West 24th Street  
New York NY 10011  
tel 212 206 9100 fax 212 206 9055  
www.luhringaugustine.com



Lygia Pape  
*Night and day book*,  
1963/76  
Acrylic and tempera  
on wood

## NEO-CONCRETE READING

WORDS FERNANDA LOPES

*With a fine selection of artists and works, not to mention an impressive montage, the Empty House exhibit affirms the power and impact of Neo-concretism in recent Brazilian art history.*

EMPTY HOUSE IS NOT another exhibition on Brazilian Neo-concretism abroad. Curated by Lucrecia Zappi and Donald Johnson Montenegro, the show presented by Luhring Augustine gallery at its headquarters in Chelsea in New York brings together 18 Brazilian artists of different generations and 39 works produced between 1952 and 2015 to examine the legacy of one of the most important movements in Brazilian art.

The strength of the exhibition lies in the selection of artists and works. On the one hand, the show presents the names of those who participated in the early days of the movement, and whose inclusion is therefore almost mandatory in an exhibit of this kind, such as Lygia Clark (recently honored with a retrospective at MoMA), Amílcar de Castro, Willys de Castro, Hélio Oiticica (who will be honored by the Whitney Museum with an exhibition in 2016) and Lygia Pape. Rounding out the list are artists of various generations with a list of familiar names (or in some cases not so familiar, unfortunately), such as Waltercio Caldas, Raymundo Colares, Adriano Costa, Alexandre da Cunha, Antonio Dias, Marcius Galan, Fernanda Gomes, Jac Leirner, Rodrigo Matheus, Paulo Monteiro, Mira Schendel, Tunga, and Erika Verzutti.

The choice of works is also interesting. Work by Lygia Clark, for example, in addition to her classic steel *Bicho* or *Critter*, includes a study for her pancubisim *Bicho* made with veneer, graphite and tape. Amílcar de Castro's work is also presented with some interesting choices. In addition to the copper sculpture *Estrela* or *Star* (1952),

the oldest work in the exhibition, the artist occupies two walls of shelves displaying 140 Corten steel prototypes. Among the artists of other generations, Tunga (the only artist in the opening represented by Luhring Augustine Gallery) presents *Albino* (1982), in which a few felt and cotton squares stuck to the wall appear to "hold" up the other felt squares like marionettes using rope. Fernanda Gomes presents a series featuring parts made of wood and white paint that blend together in space (some to the point of being almost invisible) and walk the line between painting and sculpture.

Another highlight of the show is a montage that allows the curator's strong individual choices to gain further potency in a spatial arrangement that does not lend itself to obvious or easy chronological organization. Instead the montage forms a dialogue between iconic historical works and recent works, encouraging cross-readings of works produced between the decades 1950-1990 and work produced thus far in the 2000s.

In the first room, a white display table features side by side small and medium-sized sculptures by different generations of artists, such as Amílcar de Castro, Erika Verzutti, Lygia Clark, Paulo Monteiro, Lygia Pape, Antonio Dias and Mira Schendel, using different materials such as lead, brass, rice paper, steel and acrylic. The two-dimensional plane also suggests interesting relationships. Alongside works such as those by Fernanda Gomes, Amílcar de Castro and

Tunga mentioned above, works such as *Night and Day Book* (1963/76) by Lygia Pape are among the big surprises of the exhibition, opening up another layer in the relationship between the two-dimensional and three-dimensional initiated by Neo-concretism and re-envisioned in the works cited above. More than a re-reading, the Empty House exhibition reaffirms the power and impact of Neo-concretism in the recent history of Brazilian art and justifies the interest that the movement has been attracting internationally. With a fine selection of artists and works, the exhibition offers the visitor, both newbies and art buffs alike, a fascinating experience with the history of Brazilian art, aiming to open up the possibilities of reimagining for generations to come.

---

FERNANDA LOPES is an art critic and curator.